



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

O ESPETÁCULO “O LIVRO DE JÓ” DO TEATRO DA VERTIGEM E AS POSSIBILIDADES DA FÉ NO COTIDIANO CONTEMPORÂNEO

Fabírcia Vieira de Araújo*

Rosângela Patriota Ramos (Orientadora)**

1

O espetáculo teatral intitulado “O Livro de Jó” foi encenado pelo grupo Teatro da Vertigem, no ano de 1995. A narrativa da peça é baseada no Livro de Jó bíblico e foi adaptada por Luís Alberto de Abreu, sua construção também contou com a opinião e participação dos atores e diretor, por se tratar de um processo colaborativo. Esse espetáculo, juntamente com o “Paraíso perdido” (1992) e “Apocalipse 1,11” (2000), compõe a trilogia bíblica do encenador Antônio Araújo.

Assim, observa-se que os espaços utilizados para as encenações dos espetáculos do Teatro da Vertigem ultrapassam os limites do convencional palco teatral, é possível notar a ocupação de ambientes públicos. No espetáculo “O Paraíso Perdido”, o cenário foi a Igreja de Santa Ifigênia e em “Apocalipse 1,11” o Presídio do Hipódromo. Na peça “O Livro de Jó”, o hospital desativado Humberto Primo, situado próximo a Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, foi o cenário escolhido para as interpretações. O cenário hospitalar e os instrumentos médicos, utilizados no espetáculo,

* Graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora orientadora: Rosângela Patriota Ramos.

** Professora Doutora do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia.

ao lado da atuação dos artistas e de suas falas, contribuíram para um maior impacto e riqueza do trabalho, levando-nos a uma reflexão sobre a crença religiosa do homem nos dias atuais.

Estes espaços, situados na zona urbana, são comumente frequentados por inúmeras e distintas pessoas e carregam consigo determinada memória e significados que estão em consonância com os temas propostos por cada peça. Entende-se que, como afirma a estudiosa Stela Fischer:

o espaço não é apenas ocupado, mas preenchido pela destreza da direção, qualidade da atuação, iluminação e cenografia, que exploram as possibilidades e recursos do local. O fato de as apresentações ocorrerem em espaços não teatrais resulta em atrativo e divulgação à parte do trabalho da companhia.¹

Nesse sentido, percebe-se que o protagonista dessa encenação, Jó, está cercado de desgraças: sua casa, seu rebanho, suas pastagens foram destruídas e seus filhos mortos. Além disso, seu corpo está coberto de doenças. Tais infortúnios são comuns na vida do homem pós-moderno. Dentre essas desventuras, o que mais chama a atenção são as doenças que assolam o ser humano atualmente, como câncer, as doenças sexualmente transmissíveis e, principalmente, a imunodeficiência adquirida (HIV). Essa última enfermidade é simbolizada pelo aspecto deteriorado do personagem principal, mas não é citada hora alguma.

Em meio a essas desgraças, Jó cai num profundo sofrimento, desespero, angústia e desesperança. É aí que o homem, antes convicto e firme em sua fé e em suas crenças religiosas, passa a questioná-las. O espetáculo nos apresenta toda a “situação de desamparo e de dor vividas por Jó em sua busca pelo sentido da vida e do entendimento dos desígnios de Deus.”²

Nesse sentido, frente à narrativa da peça, podemos perceber que assim como alguns personagens do espetáculo, muitas vezes, nos momentos de sofrimento,

¹ FISCHER, Stela. *Processo Colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 2010.

² DÉA, Márcia Letícia Falkowski. *Representações do leitor implícito no processo de leitura em textos dramáticos: O berço do herói*, de Dias Gomes e *O Livro de Jó*, do Grupo Vertigem. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2005. (Capítulo 3. P.159.).

passamos a questionar nossa fé e a duvidar sobre nossas crenças religiosas. Dessa forma,

“em “O Livro de Jó” de Abreu, a crise religiosa se manifesta igualmente numa dúvida de crença. E ela também resulta do conflito entre a tradição e o mundo moderno. O Jó de Abreu procura refúgio num hospital moderno, onde ele espera uma cura do castigo que Deus lhe impôs. Mas os progressos da ciência e da técnica não lhe ajudam.”³

A partir dessas assertivas, é notável o embate que há entre um homem que se divide entre a religião, sua crença inquestionável na figura do divino, e o discurso científico, que lhe apresenta algo concreto, muitas vezes uma realidade desesperadora e não tão confortável como os dogmas religiosos. Dessa forma, compreendemos que a narrativa da peça também pode nos levar a reflexões sobre “as possibilidades da fé; o crer e o não crer e o como crer; a fé que se assenta nos livros bíblicos ou a fé sentida?”⁴

Entendemos que a crença religiosa do homem nos dias de hoje é variada e se expressa de diferentes formas. No Brasil, podemos observar a presença de católicos, evangélicos (que se dividem em várias doutrinas), espíritas, seguidores de religiões tradicionais africanas, dentre outros. Cada religião possui sua doutrina, que é bem diferenciada uma da outra, cada uma possui sua forma de crer, seja em Deus ou em outras divindades.

Dessa maneira, as visões que cada doutrina tem em relação a Deus e a outros aspectos religiosos são variadas, pode haver semelhanças e divergências, existe uma grande diversidade no âmbito das crenças de cada religião, cabe ao indivíduo escolher a que mais se identifica. “Há, portanto, uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização social.”⁵

³ FERREIRA, Carolin Overhoff. Incorporando o pensamento ocidental: Dramaturgos brasileiros nos anos noventa. In: Latin American Theatre Review. Spring 2001. P.66.

⁴ DÉA, Márcia Letícia Falkowski. Representações do leitor implícito no processo de leitura em textos dramáticos: *O berço do herói*, de Dias Gomes e *O Livro de Jó*, do Grupo Vertigem. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2005. (Capítulo 3. P.218.).

⁵ ELIADE, Mircea. O Sagrado e a História. In: O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P.22.

Percebemos que atualmente, mesmo com todo o discurso científico e com todo auge do conhecimento e novas descobertas que presenciamos, os “sistemas de crença, seitas e Igrejas não refluíram ante o avanço da ciência e da racionalização.”⁶ Muitas pessoas encontram nas instituições religiosas uma forma de aliviar determinada dor, angústia, enfim, problemas enfrentados pelo indivíduo em seu dia-a-dia. Dessa forma, é possível compreender que nem todos abandonam sua fé e crença religiosa frente às adversidades que vivenciam, uma vez que os sistemas religiosos não param de crescer.

Segundo o historiador Sérgio da Mata, “o que define a religião de massas no mundo contemporâneo é, em grande medida, a sua dimensão terapêutica. A “salvação” deve dar-se aqui e agora – por meio da cura.”⁷ Então, mesmo que a religião não possa salvar o ser humano de doenças consideradas cientificamente incuráveis, ela pode ser um meio de acalantar o mesmo diante de tal problema. Assim, “a fé cega de alguns, opõe-se uma fé igualmente cega nas possibilidades da ciência e da razão.”⁸

Nietzsche e outros intelectuais europeus do século XIX acreditavam que Deus já estava morto, acreditavam piamente no fim das religiões e no início da secularização, ou seja, no recuo progressivo do mundo religioso. Mas hoje, pelo contrário, vemos que as crenças fazem-se presentes no cotidiano do homem. Podemos exemplificar tal afirmação observando desde o feriado nacional no nosso calendário, o dia 12 de outubro, consagrado a Nossa Senhora Aparecida até as simples ações de fiéis ao pregarem o evangelho de casa em casa.

Além disso, “das inúmeras evidências da vitalidade da religião na modernidade, o grande despertar evangélico e pentecostal das últimas décadas certamente nos é mais familiar.”⁹ Dessa forma, como nos afirma Sérgio da Mata:

“o historiador, até por dever de ofício, é um profissional da desilusão. Mas, ainda que seja capaz de tocar sua vida sem uma fé – pelo menos uma “fé” no sentido convencional – ele sabe que a maior parte da humanidade é incapaz de viver nesses termos.”¹⁰

⁶ MATA, Sérgio da. História e Religião. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P.12.

⁷ Idem. P.15.

⁸ Idem. P.16.

⁹ Idem. P.88.

¹⁰ Idem. P.142

Destarte, o historiador Gerardus Van der Leeuw sugeriu a divisão das religiões em dois grupos: as religiões de equilíbrio e de crenças. As primeiras dão grande importância ao gesto ritual e ao sacramento, a fé não significa praticamente nada. Notamos que alguns politeísmos e o catolicismo popular aproximam-se mais dessa religião. Já nas religiões de crença, a fé é mais valorizada e não o rito. As Igrejas protestantes tendem a “seguir” tal lógica.

Em meio a toda crença religiosa é comum notarmos a presença de intolerância. Um fato que ficou bastante conhecido foi o ato do bispo Sérgio Von Helde, da Igreja Universal do reino de Deus, de chutar a imagem da Nossa Senhora Aparecida em um programam de televisão da rede Record de televisão, no ano de 1995. Tal ação teve repercussão nacional e gerou bastante polêmica. A imprensa de modo geral afirmava que o Brasil, país da “tolerância religiosa”, estava vivendo uma “guerra santa”, na qual predominava a disputa entre católicos e evangélicos.

Porém, ficou bem claro que inclusive os protestantes condenaram a atitude de Von Helde. A maioria da população concordou que o gesto do bispo foi preconceituoso, discriminatório e faltou com respeito às crenças alheias. Em nosso país existe a liberdade de expressão e de culto religioso, Von Helde poderia ter exposto seus ideais e crenças sem ofender a fé dos católicos, mas percebemos que ele “ultrapassou os limites de liberdade religiosa a que tem direito.”¹¹ Além disso, também podemos perceber a intolerância religiosa através das constantes guerras que presenciamos nos últimos tempos, envolvendo principalmente países do Oriente Médio e seus homens bombas.

É claro que as experiências religiosas não se resumem somente a procriar intolerâncias e conflitos. No Brasil, por exemplo, o médium Kardercista Chico Xavier foi uma figura de grande popularidade. Não só entre os espíritas, como também entre os católicos. Além do mais, sabemos que muitos são os trabalhos das instituições religiosas que visam a ajudar as pessoas mais necessitadas. Assim, quando a imprensa afirma que o Brasil vive uma “guerra santa”, de certa forma, é um exagero.

¹¹ GIUMBELLI, Emerson. O “Chute na santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. In: BIRMAN, Patricia (org.). Religião e espaço público. Brasília: CNPq/PRONEX attar editorial, 2003. P.181.

Mas enfim, “em que as pessoas realmente crêem? Parece-nos que as respostas arriscam de se acumular em uma coleção indefinida das crenças e de suas formalidades.”¹² O que podemos concluir de fato é que o âmbito religioso, atualmente, é bastante diversificado. E ainda, podemos perceber que nem todos os indivíduos, assim como certos personagens do espetáculo “O Livro de Jó”, passam a duvidar de sua fé e crença religiosa diante do sofrimento, tanto é que as instituições religiosas nunca desapareceram ou deixaram de ser importantes.

Dessa forma, o presente texto pode ser concluído com a seguinte frase de Sérgio da Mata: “o historiador não tem de partilhar o mesmo ponto de vista do crente; mas ele deve se esforçar para compreendê-lo caso queira, de fato, penetrar na mentalidade que guiou nossos antepassados e ainda guia tantos de nossos contemporâneos.”¹³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6

DÉA, Márcia Letícia Falkowski. Representações do leitor implícito no processo de leitura em textos dramáticos: *O berço do herói*, de Dias Gomes e *O Livro de Jó*, do Grupo Vertigem. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2005. (Capítulo 3).

ELIADE, Mircea. O Sagrado e a História. In: O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Carolin Overhoff. Incorporando o pensamento ocidental: Dramaturgos brasileiros nos anos noventa. In: Latin American Theatre Review. Spring 2001.

FISCHER, Stela. Processo Colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras. São Paulo: Hucitec, 2010.

GIUMBELLI, Emerson. O “Chute na santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil e Posfácio. In: BIRMAN, Patricia (org.). Religião e espaço público. Brasília: CNPq/PRONEX attar editorial, 2003.

MATA, Sérgio da. História e Religião. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

¹² Idem. Posfácio. P. 373.

¹³ MATA, Sérgio da. História e Religião. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P.142.